

Nas linhas de Carolina: o cotidiano da mulher negra periférica em *Quarto de despejo*

MARIA YASMIM RODRIGUES DO NASCIMENTO*

Resumo: Este artigo tem como propósito central tratar do cotidiano das mulheres negras da periferia, tendo como base para a análise a obra literária *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da escritora negra, que residia na favela de Canindé (São Paulo), Carolina Maria de Jesus. Publicada em 1960, a obra traz fragmentos dos diários da autora, que narravam o seu cotidiano na favela. A proposta que trago é pensar como essa escrita de si ecoa em outras histórias, uma vez que a realidade de Carolina de Jesus era também semelhante à realidade de tantas outras mulheres negras das periferias. A obra *Quarto de Despejo* foi publicada em treze idiomas e em mais de quarenta países, narrando as mazelas dos pobres que conviviam com a subalternidade provocada pelo Estado e consequentemente com a fome.

Palavras-chave: Literatura; Mulheres negras; Periferia; Escrita Feminina.

In the lines of Carolina: the daily live of black woman from the periphery in *Evicted room*

Abstract: The main purpose of this article is to deal with the daily lives of black women from the periphery, based on the analysis of the literary work *Evicted room: the diary of Carolina Maria de Jesus*, by the black writer Carolina Maria de Jesus, who lived in the favela of Canindé (São Paulo). Published in 1960, the work contains fragments of the author's diaries, which narrated her daily life in the favela. The proposal I bring is to think how this self-writing echoes in other stories, since the reality of Carolina de Jesus was also similar to the reality of so many other black women from the peripheries. *Evicted room* was published in thirteen languages and in more than forty countries, narrating the ills of the poor who lived with the subordination caused by the State and consequently with hunger.

Key words: Literature; Black women; Periphery; Writing female.



* MARIA YASMIM RODRIGUES DO NASCIMENTO é doutoranda em História Social na Universidade Federal do Ceará.

Introdução

Quando eu não tinha nada que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.
(JESUS, 1960, p. 170).

Nascida em Minas Gerais, na cidade de Sacramento, em 1914, Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre e semianalfabeta, conviveu desde muito cedo com as mazelas da pobreza e da fome. Ainda enquanto morava no interior mineiro, teve acesso à escola por intermédio da mulher de um fazendeiro que financiou os dois primeiros anos de estudo no ensino básico, onde começou a desenvolver a leitura e escrita. Mas a necessidade de trabalhar, realidade da maioria das mulheres negras e pobres do Brasil, até hoje, a afastou da escola, ainda no desenvolvimento da aprendizagem, porém o amor pela escrita a perseguiu para o resto dos seus dias.

Mudou-se para São Paulo, sozinha, por volta de 1947, mudança que ocorre no momento em que surgiam as primeiras favelas desse estado¹. Chega em Canindé, favela onde residiu por muitos anos, criou os três filhos, sozinha, trabalhando como catadora de papel, debaixo de sol forte, às vezes doente, como a autora mesma fala. Nesse contexto, de trabalho árduo e fome, em muitas ocasiões, está o amor da autora pela escrita, um apreço antigo, infelizmente interrompido pela necessidade de trabalhar. Porém, os dias cansativos de trabalho, davam um espaço pequeno para a escrita; escrever era uma tarefa fundamental no seu cotidiano.

Nesse contexto, nasce *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, obra que, como o próprio título já apresenta, trata-se do diário de vida de Carolina Maria de Jesus. Todos os dias a autora escrevia um pouco do seu cotidiano em um caderno, frases carregadas de angústia, as vezes raiva, e quando dia era bom, felicidade. Dona de mais de vinte cadernos de relatos cotidianos, os textos escritos em primeira pessoa, também podem ser lidos em terceira, a escrita de si, conceito trabalhado por Mbembe (2010), é também uma escrita de nós, uma vez que a autora é considerada a “voz da favela”, uma narradora da realidade da população negra e pobre do Brasil, que vivia nos morros sem nenhuma perspectiva de melhorar sua realidade.

Quarto de Despejo é publicado no ano de 1960, e, devido à grande repercussão, foi editado em treze idiomas e vendido em mais de quarenta países. A obra deu ao mundo uma oportunidade de conhecer a realidade da favela, pela literatura de uma mulher negra, que suplicou a várias editoras para publicar seus escritos. Contudo, foi pela curiosidade do jornalista Audálio Dantas que a autora ficou conhecida; na ocasião o jornalista cobria uma matéria na favela de Canindé, onde conheceu a autora e

¹ Nos primeiros anos que posteriores a abolição da escravatura no Brasil, os homens e mulheres libertos não tiveram condições dignas de viver em sociedade, em sua grande maioria sem emprego e sem moradia, se viram presos a um sistema que não os habilitava a viver em liberdade. Nesse contexto surgem as primeiras favelas e cortiços do Brasil, lugar onde a população negra e pobre residia no pós-abolição. Mais informações cf. Chalhoub (2011).

também seus diários. De acordo com Jesus:

Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meu livro em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me... Depois que conheci o repórter [Audálio Dantas] tudo transformou-se. E eu enalteço o repórter por gratidão (JESUS, 1960, p. 170).

Um dos desejos da autora era que sua escrita ofertasse condições de ter uma casa de tijolos e pudesse tirá-la e a seus filhos da favela, era uma oportunidade de externalizar a crueldade de realidade da população da favela, a escrita era um refúgio, ela diz que escrevia “para desafogar as misérias que me enlaçavam igual um cipó” (JESUS, 1960, p. 171).

Carolina Maria de Jesus: linhas que teceram negras mulheres

É de fundamental importância a vida e obra de Carolina de Jesus para todas as mulheres negras periféricas, ativistas ou não, intelectuais ou não, pois essas estão nas linhas da autora que narrou a favela dia após dia, e tornou-se referência para tantas outras intelectuais negras da contemporaneidade, a exemplo de Conceição Evaristo, uma intelectual negra, da periferia e leitora de Carolina de Jesus. Para Evaristo, Carolina de Jesus criou uma tradição literária, como pode ser conferido na fala dessa autora concedida em entrevista a Machado:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite

julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (MACHADO, 2014, p. 249).

Algumas passagens da fala de Evaristo são importantes para nós. A primeira delas quando a escritora fala que a escrita das mulheres negras rompe com o lugar que normalmente é reservado, isso porque a noção de subalternidade historicamente imposta a nós, mulheres negras, não nos permite ocupar os espaços de poder, uma vez que a escrita é uma ferramenta de poder e Carolina de Jesus tinha essa noção, quando ela diz que sabia que iria angariar inimigos “porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura” (JESUS, 1960, p. 173). A escritora sabe que enquanto mulher negra, denunciadora do sistema político, que narrava as misérias da favela, sua literatura iria incomodar por romper a ótica que os pobres teriam que ser subservientes e não poderiam ter um ideal de vida diferente do imposto pelo sistema opressor.

A autora tinha consciência da realidade difícil em que vivia; nas passagens da obra vemos denúncias do abandono do serviço público para com o povo da periferia, como o próprio nome da obra diz, a favela era o quarto do despejo das mazelas da cidade, das misérias e pobreza urbana, onde a população periférica se obrigava a encontrar disposição para viver. Nas palavras da autora: “[...] saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois catei uns ferros, umas latas e lenha” (JESUS, 1960, p. 10).

A denúncia do cansaço é recorrente na obra, a autora na medida que enuncia a necessidade de trabalhar por não existir

outra opção, mostra a quão exaustiva é a realidade de mulheres negras, residentes nas favelas, com filhos que dependem exclusivamente da renda trazida por elas. Percebemos na narrativa que a necessidade do trabalho contínuo demonstra o abismo existente entre as realidades de mulheres brancas e negras no Brasil, desde o período colonial, as atribuições laborais das mulheres negras permaneceram cristalizadas nas estruturas de dominação semelhantes à escravidão, como nos lembra Beatriz Nascimento, em seus escritos reproduzidos por Ratts (2007, p. 104):

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito.

Carolina de Jesus rompeu com o que Evaristo chamou de “privilégio da elite”, ficou conhecida pela sua escrita, e fez da escrita mais um elemento do seu cotidiano. A relação que desenvolveu com a escrita parece ser um refúgio que encontrou, um ponto de apoio. Paulina Chiziane, romancista moçambicana, refletiu que é na escrita que as mulheres encontram o preenchimento do vazio e da incompreensão. Em suas palavras:

Reencontrei, na escrita, o preenchimento do vazio e da incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei, no papel, as aspirações da mulher no campo afetivo, para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da

forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (CHIZIANE, 2016. p. 21).

Independente do labor cotidiano, era fundamental ler um conto ou escrever um pouco no seu diário, a escrita em alguma medida preenchia seus vazios e incompreensões. O que chama atenção em Carolina de Jesus é que autora sabia a relevância da escrita; ela diz:

Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com essas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 1960, p. 17).

A escrita de Carolina de Jesus era uma forma da autora amedrontar aqueles que a importunavam, assim como chamava atenção entre os moradores da favela o fato de gostar tanto de leitura e escrita, uma vez que esse hábito não foi reservado para nós negras, como fala um dos moradores da favela: “[...] nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você” (JESUS, 1960, p. 23). Para nós, negras, toda e qualquer forma de exploração, menos algo que nos eleve intelectualmente, uma vez que nos foi negado o acesso à educação tendo em vista os modelos arcaicos nos quais nossa sociedade é estruturada. Sendo a educação um caminho que leva às “melhores ocupações”, mulheres negras ficaram cada vez mais distantes dos mecanismos de ascendência da hierarquia social, conforme narra:

Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me

andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 1960, p. 19).

As possibilidades de ascensão das mulheres negras são menores do que qualquer outro grupo, o que se deve sobretudo à negação histórica do processo educacional e ao fator racial, as mulheres brancas, ainda que mal remuneradas ocuparam atividades consideradas “femininas” que exigiam o mínimo de qualificação educacional, já as mulheres negras por não disporem dessa qualificação se mantiveram em empregos considerados tradicionais ao seu grupo ou como operárias industriais (NASCIMENTO *apud* RATTIS, 2007, p. 105).

Para além do processo de alijamento na esfera do trabalho, nossa história sempre é contada pelo outro, sempre somos narrados por sujeitos de fora, que ocupam estratificações sociais superiores, e Carolina de Jesus faz justamente o inverso, apresentando uma narrativa de si e ao mesmo tempo denunciadora de um processo de subalternização histórica das mulheres negras e pobres, contrariando a manutenção de uma narrativa dominante majoritariamente branca e masculina. Em uma de suas narrativas, Chiziane (2016, p. 22) relatou como suas obras eram recebidas:

Primeiro, com ceticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. Mas, por outro lado, estas atitudes tiveram um efeito positivo, porque forçaram-me a demonstrar, pela prática, que as mulheres podem escrever e escrever bem.

Para Conceição Evaristo (2014), Carolina de Jesus tinha uma forma literária muito particular; rotular seus escritos é uma tarefa difícil, escrever em forma de diário, o cotidiano da periferia, muitas vezes denunciando o abandono do governo, em alguns casos em tom de revolta, deixa sua obra com características ímpares. Mas se tivesse que rotular essa escrita de si, associao ao que Mbembe (2010) chamou de “ciência africana” capaz de narrar sua própria estória, rompendo com postulados eurocêntricos, o olhar e falar de si pela narrativa daquele que vive as experiências narradas. Para o autor,

[...] a ênfase em estabelecer uma ‘interpretação africana’ das coisas, em criar concepções próprias de auto-domínio, de compreensão de si e do universo, de produzir conhecimento endógeno, tudo isto conduziu à exigência de uma ‘ciência africana’, uma ‘democracia africana’, uma ‘linguagem africana’. Este desejo de tornar a África única é apresentado como uma questão moral e política, sendo a recuperação da capacidade de narrar a própria estória – e, por conseguinte, a identidade – necessariamente constitutiva de qualquer subjectividade. Em última análise, já não se trata de reivindicar o estatuto de alter ego para os africanos no mundo, mas antes de afirmar de viva voz a sua alteridade (MBEMBE, 2010, p. 16).

Obviamente Carolina de Jesus não fez um diário contando a história africana, mas escreveu a realidade das pessoas, em particular, mulheres periféricas, da favela de Canindé, e sabemos que os moradores das favelas brasileiras em sua grande maioria são negros que até hoje sofrem as mazelas de uma abolição que não nos libertou dos estigmas e racismo sociais e epistemológicos. A literatura da autora nos deixa face a face com o pós-

abolição, caracterizado por Rios e Mattos (2004) como um “problema histórico”, que deixa a miséria e a fome como elemento do cotidiano das populações negras, sobrecarregando mulheres negras, mães solo em sua grande maioria, que é o caso de Carolina de Jesus.

A consciência do seu lugar de fala é visível, e dos problemas históricos que os seus semelhantes carregam também. No dia treze de maio, Carolina de Jesus narra justamente as condições de subalternidade que vivem os negros na favela:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático pra mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos (...) Eu tenho tanta dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer ele brada: - Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir: minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha (..) E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual - a fome! (JESUS, 1960, p. 28).

Saber da sua responsabilidade de mãe, que mantém o sustento dos filhos, em um contexto de miséria, muitas vezes a aflige. Essa abolição que deixou nos negros a marca da fome, e nas mulheres negras, mães solo, a responsabilidade de manter o lar, obrigou Carolina de Jesus a ser uma mulher forte. Não podemos perder de vista, que é socialmente imposto às mulheres negras uma força

biológica, com características primitivas, que nós tudo podemos suportar; essa força nos animaliza, e tira de nós qualquer possibilidade de sensibilidade. De acordo com Machado (2014, p. 249), que estudou a vida e obra da intelectual negra, Conceição Evaristo,

[...] o corpo da mulher negra, desde a escravidão até a atualidade, “tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina ‘natural’, orgânica, mais próxima da natureza, animalística e primitiva” (HOOKS, 1995, p. 468). Essa formulação discursiva atua para tornar o domínio intelectual um lugar interdito, já que “mais do que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’” (HOOKS, 1995, p. 469). Diante disso, hooks defende que é essencial para a luta de libertação das mulheres negras que elas ocupem esse espaço interdito do trabalho intelectual. É nesse sentido que Conceição assinala a importância de que mulheres como ela, sua mãe e Carolina de Jesus se afirmem enquanto escritoras.

Ocupar espaços que não foram historicamente projetados para nós, sobretudo os espaços de escrita, é antes de qualquer coisa nos legitimar enquanto seres humanos, já que a história ocidental, ancorada no eurocentrismo² por muito tempo questionou a humanidade dos negros, nos colocou em situações de inferioridade, negou o nosso protagonismo e invisibilizou os saberes

² Anibal Quijano, sociólogo latino-americano, traz a definição de eurocentrismo, em sua discussão voltada para questionar a produção de conhecimento colonizada. Segundo o autor, “Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes de mediados do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou

mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América” (QUIJANO, 2005, p. 126).

produzidos sobretudo pelas mulheres negras.

É de fundamental importância que as mulheres negras se afirmem enquanto escritoras para que sua história seja contada, a partir de sua vivência. Segundo Ana Cristina Conceição Santos (2014, p. 164), “as mulheres negras sempre tiveram participação importante, sendo muitas vezes protagonistas de ações coletivas. Essas ações são, na maioria das vezes, invisibilizadas ofuscando histórias de resistências e lutas”.

A repercussão da obra da Carolina de Jesus no meio literário chama atenção ao fato de que sempre que mencionado o nome da autora vem seguido de expressões como “uma nova tradição narrativa” ou “um novo jeito de se fazer literatura”. Essa voz feminina da favela mostra o protagonismo das mulheres negras na conquista dos espaços de escrita. Nesse sentido, Maria Consuelo Campos nos diz que,

Foi uma mulher negra, Carolina Maria de Jesus, com seu Quarto de Despejo, best-seller nos chamados “anos dourados” do desenvolvimentismo, quem iniciou, no Brasil, aquilo que viria a ser uma nova tradição narrativa, através do discurso da periferia, que tem, na atualidade, um bom representante em Cidade de Deus, de Paulo Lins (CAMPOS, s.d., p. 3).

Não posso me furtar de definir o discurso, já que foi tratado aqui, até agora, as ocupações de espaços de poder, sobretudo de escrita, bem como a noção Carolina de Jesus tinha do que seu discurso de periferia poderia causar nos “poderosos”; não posso deixar de compreender o discurso como uma ferramenta de poder de quem o detém. Como afirmou Michel Foucault, trata-se de uma vontade de verdade dos

indivíduos, carregado de ideologia, transparecendo nas palavras as razões pelo que se vive e pelo que se luta. Para o autor,

[...] por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 2013, p. 10).

O discurso de Carolina de Jesus lutava e denunciava a realidade inclusive de solidão das mulheres negras. Apesar da autora demonstrar uma autonomia visível nas suas palavras, de mulher que construiu e sustentou sua família, está, todavia, envolvida em uma sociedade patriarcal, não deixando de mencionar o fato do quão difícil é a realidade de ser mulher, sem um homem em casa, principalmente na época em que a obra foi escrita, no final dos anos cinquenta. Ela demonstra gostar da sua independência, o fato de ser agente de sua própria história, quando diz: “[...] não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis.” (JESUS, 1960, p. 14). Mas ao mesmo tempo, sente o peso da cobrança social e do cansaço de assumir tudo sozinha: “[...] Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 1960, p. 19).

A necessidade da figura masculina dentro do lar, como o provedor da família e da moral imposta socialmente, é legitimação do poder patriarcal. O mundo social é dividido pelo gênero, demarcando qual é o lugar do homem e da mulher, e sempre deixando o masculino sobreposto ao feminino; o mercado de trabalho, o lar, os espaços de poder público, são estruturados de forma que os homens ocupem posições de dominação, uma visão mítica, ainda carregada pelo sentido biológico de uma superioridade sobretudo física dos homens sobre as mulheres, como afirmou Bourdieu, ao dizer que

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositários de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo, e antes de tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica: é ele que constrói e diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita na divisão do trabalho, na realidade da ordem social (BOURDIEU, 2014, p. 24).

E assim nossa sociedade se estruturou, impondo de forma truculenta o que seria de responsabilidade masculina e feminina; o que compete aos homens e as mulheres. Desse modo, vejo na literatura de autoria feminina, que rompe a ótica patriarcal, uma possibilidade de visibilizar a luta das mulheres como agentes de suas vidas e contadoras de sua própria vivência. Destaco ainda o eco de uma mulher negra escutado por suas iguais e não iguais, mulheres que se sentem pertencidas na partilha literária de Carolina de Jesus e são fortificadas por esses saberes.

Considerações finais

Carolina Maria de Jesus era dona de uma poética própria, escreveu por ela e por tantas outras que compartilhavam de vivências semelhantes às suas. Escrevia com a propriedade de quem vivia aquele cotidiano; não era o olhar do outro sobre si, era uma escrita de quem pertencia aquele espaço.

A escrita que segrega, desqualifica e hipersexualiza mulheres negras fez parte da literatura e historiografia brasileira, criando no imaginário social uma ideia de mulher negra que poderia ser tudo, menos uma intelectual, poetisa, literata. Hall (2010) nos disse que os estereótipos criados e substanciados pela produção de conhecimento têm sua própria poética, limita nosso olhar, nos faz entender sobretudo os grupos subalternizados de forma hegemônica. Nas palavras do autor,

[...] até agora, temos sido argumentando que " estereótipar " tem sua própria poética (os seus próprios modos de funcionamento) e sua política (as formas em que o poder é investido). Temos também argumentado que este é um tipo particular de poder: uma forma de poder hegemônica e discursiva que funciona tanto por meio da cultura , produção de conhecimento , a imagem e a representação , como através de outros meios (HALL, 2010, p. 435, tradução nossa).

Carolina de Jesus também exerceu um poder sobre nós quando escreveu *Quarto de Despejo*; um poder de nos apresentar outra forma de literatura, não estereotipada, não hegemônica, com poética própria, um olhar de dentro. O mais importante: abriu a porta para tantas outras mulheres negras, hoje intelectuais e ativistas, mostrando ser possível o rompimento com a lógica do colonizador, na qual o poder da escrita é um privilégio da elite racista e patriarcal,

e o lugar das mulheres negras é apenas o espaço doméstico. A autora nos mostra que podemos ser literatas, levando em consideração as poéticas negras, a partir de experiências negras, um fazer acadêmico capaz de desestruturar o que historicamente foi posto como norma. Vozes negras que ecoam e aniquilam os silenciamentos estruturantes do racismo epistêmico.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CAMPOS, M. C. C. **Representações da mulher negra na literatura brasileira**. Disponível em <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf>. Acesso em 28.05.2020.

CHALHOUB, S. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHIZIANE, P. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/ Michel Foucault**. tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HALL, S. **Singarantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Institutos

de estudios sociales y culturales. Ecuador: Pensar Enviñon Editores, 2010.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo: diário de uma Favelada**. São Paulo: Edição Popular, 1960.

MACHADO, B. A. “Escre(vivencia)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

MBEMBE, A. **Formas africanas da escrita de si**. Tradução de Marina Santos, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RATTS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIOS, A. M.; MATTOS, H. M. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 170-198, jun./2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2004000100170&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28.05.2020.

SANTOS, A. C. C. Movimento de Mulheres Negras na Cidade de Salvador: um olhar sobre a década de 1980. In: SILVA, J. da S.; PEREIRA, A. M. **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

Recebido em 2020-05-20
Publicado em 2021-01-01